

PARA ALÉM DA NAÇÃO: UMA VIAGEM PELOS IMAGINÁRIOS POÉTICOS DE EDUARDO WHITE

GIULIA SPINUZZA
Universidade de Lisboa

RESUMO: Eduardo White, poeta moçambicano que começa a publicar no pós-independência, redesenha o imaginário cultural moçambicano na rota do Oceano Índico desde a sua primeira obra, *Amar sobre o Índico* (1984). Neste artigo pretendemos analisar alguns aspectos da poética de White, dando especial relevo ao mar e à água e à sua relação com uma semântica erótica e amorosa. Pretendemos demonstrar que os imaginários aquáticos e insulares têm uma potencialidade expansiva, a de alargar o espaço cultural e identitário para além dos confins territoriais da nação, navegando em direcção ao Índico. Assim, o autor define um percurso de procura das origens num itinerário que, passando pela Ilha de Moçambique e o Oriente, o levará até aos «cem horizontes do Oceano Índico» (Bose 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo White, Poesia moçambicana, Ilha de Moçambique, Oceano Índico.

BEYOND THE NATION: A JOURNEY THROUGH THE POETIC IMAGINARIES OF EDUARDO WHITE

ABSTRACT: Eduardo White, a Mozambican poet who started publishing in the post-independence period, redefined the Mozambican cultural imaginary through the Indian Ocean route since his first work, *Amar sobre o Índico* (1984). In this paper, we intend to analyze some aspects of White's poetics, giving special attention to the sea and water and their relationship with the semantics of eroticism and love. We intend to demonstrate that the aquatic and insular imageries expand the cultural and identity space beyond the borders of the nation, sailing towards the Indian Ocean. Thus, the author defines a path of searching for origins through an itinerary that, passing through the Island of Mozambique and the East, will take him to the "hundred horizons of the Indian Ocean" (Bose 2006).

KEYWORDS: Eduardo White; Mozambican poetry; island of Mozambique; Indian Ocean.

A poesia, em Moçambique, nunca trilhou um caminho rectilíneo, mas avançou por percursos sinuosos e descontínuos. Após a independência e com o regime de partido único da Frelimo institui-se a concepção de uma literatura e, mais especificamente, de uma poesia revolucionária veiculada à construção da nação através da luta armada. Com a criação de um estado socialista identificado com o partido único, exalta-se como modelo de «literatura nacional» uma literatura de resistência, de reapropriação territorial e de exaltação da nova nação, ou seja, propõe-se um cânone poético, o da poesia de combate, a partir do paradigma da luta armada. Inserida no processo de construção nacional, então, a literatura estava vinculada a um projecto político nacional. Todavia, nos anos 80, o longo e lento processo de afirmação de outras possibilidades estéticas permitiu o florescimento de uma série de escritores e poetas, entre os quais se encontra Eduardo White (Quelimane, 1963 – Maputo, 2014), que procuraram outras linguagens e imaginários poéticos.

De facto, em meados dos anos 80, há uma progressiva abertura temática e estética do cânone poético, que passa a integrar vozes do lirismo intimista e espaços poéticos, como a Ilha de Moçambique (Leite 1999, Falconi 2008 e Secco 2010) ou o Oceano Índico, que revisitam de alguma forma o imaginário da nação. É nesse contexto que surge a revista literária *Charrua*.

Surgida em Junho de 1984 por vontade de um grupo eclético de poetas (Secco 2008 [2003]: 321) constituído por Eduardo White, Suleiman Cassamo, Hélder Muteia, Pedro Chissano, Juvenal Bucuane, Marcelo Panguana, Aníbal Aleluia, Ungulani Ba Ka Khosa, Armando Artur e Filimone Meigos, entre outros, a revista é publicada até ao mês de Dezembro de 1986 (no total saíram 8 números). Apesar da sua breve duração, a revista *Charrua*, cujo nome remete para a ideia de algo renovador, mas que não renega o passado, surgiu num clima de desencanto (Secco 2008 [2003]: 324) e propulsionou uma «liberdade estética e temática» (Noa 2008: 41) que permitiu a revisitação de espaços imaginários, de linguagens estéticas e temáticas que contrastam com a poesia fundada no lema da ideologia de combate da Frelimo. *Charrua* não propõe um programa literário definido e «não tem nenhuma orientação es-

tética nem temática» (Bucuane 1987: 33), mas tenciona renovar o clima literário do país e, ao remexer no subsolo lírico, recupera o passado para construir um outro presente.

Charrua reúne a primeira geração de poetas do pós-independência e, embora heterogénea e de breve duração, coloca-se «num tempo e espaço charneira da história literária moçambicana» (Basto 2008: 104). De facto, a revista estabelece uma «ponte» literária entre os poetas das décadas de 50 e 60 (Secco 2008: 313) e a jovem geração de 80 e contribui, juntamente com outros autores como Luís Carlos Patraquim e Mia Couto (que não integram a revista), para o processo de renovação da lírica moçambicana. O papel destes poetas é, por essas razões, de extrema importância.

A emergência da poesia de Eduardo White no contexto literário moçambicano está fortemente veiculada à actividade da revista *Charrua* e aos apoios da AEMO. Na verdade, EW foi um dos fundadores da *Charrua* e a primeira obra publicada, *Amar sobre o Índico*, foi financiada pela AEMO em 1984.

White é um poeta multifacetado com uma vasta obra literária que inclui poesia, prosa poética, textos dramáticos e de reflexão política. Nascido a 21 de Novembro de 1963 em Quelimane, capital da Zambézia (Moçambique), White muda-se sucessivamente para Maputo onde, em 1984, se constitui a revista *Charrua* e onde começa a publicar em revistas e jornais moçambicanos. Ao longo de mais de três décadas de actividade literária, a sua obra acompanha momentos históricos fundamentais para Moçambique: o pós-independência, a guerra, o acordo de paz de 1992 e a complexa fase de reconstrução do país, dominada pela Frelimo. White faleceu em Maputo no mês de Agosto de 2014, antes do lançamento do seu último texto, *Bom dia, Dia*.

A sua obra desenvolve-se a partir de um imaginário aquático e aéreo que estabelece intertextualidades com vários autores das décadas de 50 e 60. Assim, White recupera e renova, em conjunto com outros poetas, ciclos temáticos e estéticos anteriores e cria uma alternativa ao cânone revolucionário, que exalta e apoia uma poesia militante, política e ideológica. As três primeiras obras de White, *Amar sobre o Índico* (1984),

Homoíne (1987) e *O País de Mim* (1989), são textos de formação que antecipam algumas das temáticas e recursos poéticos que serão desenvolvidos nos sucessivos textos. Outras obras que se enquadram nas três primeiras décadas após a independência do país são: *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de ser Ave* (1992), *Os Materiais de Amor seguido de O Desafio à Tristeza* (1996), *Janela para Oriente* (1999) e *Dormir com Deus e um Navio na Língua* (2001) (edição bilingue).

Como afirma Alfredo Bosi, a poesia recupera «zonas sagradas que o sistema profana [...], o ser da poesia contradiz os discursos correntes» (2000: 169). Isso não significa que a poesia de White não forneça um reflexo importante da situação do país, mas fá-lo apontando para outros caminhos, capazes de exorcizar os medos e pesadelos da guerra e pobreza (Falconi 2010: 119). É uma poesia que, a partir do solo moçambicano, se estende para outros horizontes. Assim, a poesia de White, mais veiculada à expressão e reflexão do *eu* lírico do que à poesia de combate que exalta o *nós* colectivo, reivindica a capacidade de re-imaginação de um país nas rotas do Índico. Amor, erotismo, sonho, viagem,¹ navegação e voo, em conjunto com outros elementos, como a reflexão metapoética e existencial e o fascínio pelo Oriente e o Índico, articulam e desenvolvem os núcleos temáticos dos livros publicados por White.

Algumas dessas temáticas são devedoras de poetas anteriores, como Glória de Sant'Anna, Virgílio de Lemos, Rui Knopfli; de facto na década de 80 a redescoberta e a releitura destes poetas permitiram o ressurgimento, na poesia moçambicana, de temáticas alternativas ao imaginário criado pela poesia de combate, como o amor, o erotismo, a Ilha de Moçambique e o Índico. Nesse sentido, o primeiro livro de EW, *Amar*

¹ A obra poética de White é toda ela uma viagem: viagem marítima e erótico-amorosa (*Amar sobre o Índico* 1984; *O País de Mim* 1989; *Materiais do Amor seguido de O Desafio à Tristeza* 1996), viagem imaginária (*Janela para Oriente* 1999), viagem aérea e metapoética (*Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de ser Ave* 1992) e viagem aquática e metapoética (*Dormir com Deus e um Navio na Língua* 2001). Podemos dizer que, num certo sentido, a viagem permite ao sujeito poético repensar e redefinir o seu país.

sobre o Índico, juntamente com as obras de Luís Carlos Patraquim, *Monção* (1980) e *A Inadiável Viagem* (1985), marcam um ponto de viragem no contexto poético moçambicano.² Como nota F. Noa:

A retoma da temática do Índico, no âmbito da literatura moçambicana, aliada a um sentido que extravasa e desafia não só o sentido telúrico prevalecente, mas também os limites territoriais prevalecentes, indicia uma nova constelação de problemáticas existenciais, temáticas e estéticas dos autores nacionais (Noa 2012: 3).

É na vaga do mar que surge a imagem da mulher no primeiro texto de White, *Amar sobre o Índico (AsÍ)*. No Oceano, longe da terra violada pela guerra civil, há uma união erótica entre o ser masculino e feminino. E é pelo mar que em *Dormir com Deus* se cumpre uma viagem pelo navio da língua. Desde o ano de 1984 até 2001 é o elemento aquático que desencadeia o percurso imaginário poético, mas é a relação entre mar e amor que predomina na obra do autor, sendo que, para além de *AsÍ*, essa temática é reelaborada também em *O País de Mim (PdM)* e *Os Materiais do Amo (MdA)*.

Em *AsÍ*, os amantes cumprem um percurso marítimo de afastamento da própria terra, para alcançar a paz e a plenitude do amor. Notamos a esse propósito que mar e amor constituem um núcleo não invulgar na escrita poética, porque o movimento sinuoso das ondas e das vagas do mar proporciona uma aproximação entre a ambientação marítima e as imagens eróticas. Para além disso, o flutuar dos amantes nas águas do mar complementa a génese de um novo «país». Como evidencia Jessica Falconi, o poeta reconfigura o «heroísmo nacionalista» como «heroísmo do amor, derradeiro espaço de vitalidade onde se recuperar uma dimensão humana para o dia-a-dia» (2010: 119). Mas é a água o elemento imprescindível para que a canção do amor se possa erguer, para além das tristes circunstâncias que prejudicam os amantes, como testemunham

² Juntamente com o texto *Raiz de Orvalho* de Mia Couto, em 1983.

os versos: «Felizes os homens/ que cantam o amor./ A eles a vontade do inexplicável/ e a forma dúbia dos oceanos» (White 1984: 64).

Assim, a água não veicula apenas o encontro sexual que gera uma nova vida, mas proporciona uma viagem marítima. Na realidade, desde os primeiros versos de *AsÍ* é bem clara a referência a toda uma semântica da navegação que remete para metáforas sexuais. A linguagem marítima testemunha que o encontro erótico entre os corpos é também uma viagem pelas águas do mar. Então, o sujeito poético, ao abranger o espaço líquido que se abre perante si, estende os confins territoriais da nação na vasta área do Índico. O Índico, local de união dos amantes, é também o lugar onde convergem desde vários séculos as culturas vindas do Extremo e Médio Oriente, bem como das costas africanas orientais.

A viagem marítimo-erótica esboçada neste texto prosseguirá para outras rotas em *MdA* e *PdM* (1989). Nesse último texto o navio metaforiza o corpo da mulher que se desvincula parcialmente da ligação territorial e adquire uma conotação «líquida» identificada com o Índico, como podemos ler neste excerto:

— És o Índico
numa tarde quente de Janeiro,
tranquila vestes a súbita frescura
e beijas a precisa boca dos pássaros
a lenta maturação dos moluscos
sob a costa,
teu corpo é de água,
pura
e de vagas e de espuma [...]
(White 1989: 27).

O Índico-mulher torna-se, então, num espaço aberto, lugar de erotismo, de liberdade e de partilha com outras culturas e povos (mas também de escravidão, comércio e trocas materiais, como emerge em *MdA*). Notamos, a esse propósito, que a interacção entre viagem, mar e amor, que constitui uns dos núcleos temáticos mais importantes da obra po-

ética de White, é uma temática recorrente na poesia moçambicana. Na realidade, há outros poetas surgidos após a independência, como Luís Carlos Patraquim, Armando Artur ou Nelson Saúte, entre outros, que identificam a mulher com o Índico ou com o espaço mítico insular (Leite 1999; Secco 2001; Falconi 2008). Retoma-se assim a vertente erótico-amorosa da poesia da Ilha de Moçambique, já inaugurada por vozes anteriores, como Virgílio de Lemos, e presente na poesia de White, bem como na obra de uma jovem geração de poetas como Adelino Timóteo, Hélder Faife e Sangare Okapi.³ Assim, podemos dizer que a poesia ligada ao espaço oceânico, e que inclui o *topos* literário da Ilha de Moçambique, define um dos caminhos da lírica moçambicana.

Na obra *MdA* (1996) White retoma esse ciclo temático, de facto neste texto o poeta procura a amada a partir da Ilha de Moçambique (Falconi 2008). A mulher aponta para uma viagem geográfica e temporal, que permite evocar o dramático passado da escravidão que marca irrevogavelmente a história deste espaço insular, como podemos ler no seguinte trecho:

Tu que adormeces as órbitas, a forma primaveril e tolerante do amor, tu que és onde as estrelas são lentas, [...] o centro constelar da minha própria casa, tu que és uma mulher e explodes pela beleza de ser isso, o cristal iluminado de algum rosto swahili, [...]. Amo-te sem recusas e o meu amor é esta fortaleza, esta Ilha encantada, estas memórias sobre as paredes e ninguém sabe deste pangaio⁴ que a Norte e na Ilha traz um amante inconfortado. Em tudo habita a tua imagem, o *m'siro*⁵ purificado da tua beleza e

³ Falconi (2011) evidencia que o eco da poesia da Ilha de Moçambique não se esgota na década de 80, porque é reforçado por uma nova geração de poetas que percorrem e renovam os mesmos trilhos líricos.

⁴ O *pangaio* é uma pequena embarcação utilizada na costa asiática e africana.

⁵ O *m'siro* é um pó branco extraído de uma árvore e misturado com água que as mulheres da Ilha de Moçambique utilizam tradicionalmente para embelezar o rosto e outras partes do corpo. Dessa forma, as mulheres da Ilha ganham grande sensualidade, quer pelo efeito estético do *m'siro*, quer por tornar a pele mais macia e aveludada (Teixeira s.d.: 14-15).

das tuas sedes, a rosa dos ventos, o sextante dos tempos, em tudo acordas de repente como se ardesse naus, garças, águas, ouro, pratas, vagas, escravos ausentes, tudo o que esta Ilha que sou ao Norte, nos pode lembrar (White 1996: 15-27).

A mulher preserva, tal como a Ilha de Moçambique, o lugar da memória e foge de uma conotação a-histórica, porque não se delimita num tempo longínquo, mas aponta para horizontes que ligam o passado ao presente e ao futuro. Para além disso, a mulher é veiculada a um espaço de cruzamentos, onde culturas orientais e africanas se encontram no lugar limite entre o mar e a terra, a Ilha de Moçambique. Como afirma Ute Fendler, a noção de insularidade pode ser vista «as a way of being in the world in-between sea and land, in-between different cultures and memories» (2013: 22). No texto de White, através da imagem da mulher, a ilha transforma-se numa zona de contacto, que convida a repensar a concepção de identidade nacional ligada ao território (*ibidem*).

Todavia, em *MdA* a temática da Ilha de Moçambique insere-se num contexto mais amplo que preanuncia a presença de um discurso itinerante, (desenvolvido mais tarde na viagem ao Oriente de *Janela para Oriente*), circunscrito à relação entre a mulher e a geografia do Índico. Não só o amado tem que cumprir uma viagem para chegar até à amada, mas esta é uma figuração de um percurso metafórico *in itinere* que atravessa vários lugares/elementos corporais. A alma da amada é refúgio do poeta, o *locus amoenus* a partir do qual é possível reconstruir e reimaginar um país cujo quotidiano, longe das vozes de desespero, pobreza e guerra, aparece finalmente leve e livre: «Quero uma alma azul para ti e um país com ruas também, com homens e mulheres bonitas» (White 1996: 18). a mulher torna-se metáfora de um espaço amplo e com fronteiras líquidas, o da Ilha de Moçambique e do Oceano Índico, que veicula o encontro de culturas diversificadas e, ao mesmo tempo, envolve os elementos cósmicos. Essa «mátria aquática» ultrapassa e renova, pelo menos parcialmente, a imagem da Mãe-África, atribuindo à mulher um duplo estatuto elemental, que transcende a ideia de Estado-Nação.

Então, ao redefinir a nação a partir de suas margens porosas, White reconstrói uma dinâmica que se opõe à concepção monolítica e homogênea do Estado-Nação identificado com a Frelimo. A poesia de EW, bem como a de Luís Carlos Patraquim, de Ana Mafalda Leite e de uma jovem geração de poetas moçambicanos, renova os imaginários literários traçando um caminho poético nos vastos horizontes índicos. Então, se por um lado há uma transfiguração do elemento aquático em imaginários poéticos (Bachelard 1989), por outro lado existe um aspecto «cultural» relacionado, no específico, com o espaço geo-poético do Índico (Leite 1999).

Por essa razão, não podemos ignorar os numerosos estudos que têm focalizado a relação entre Moçambique e esta vasta área histórica, cultural e geográfica.⁶ Para além disso, o Índico oferece-nos um paradigma epistemológico que proporciona novas abordagens teóricas. Nessa linha de ideias, Elena Brugioni nota que na Literatura Moçambicana «sobressaem escritas que convocam dimensões espaciais e temporais que redefinam o repertório cultural dito nacional, reposicionando a especificidade de sujeitos e contextos dentro de uma dimensão transnacional emblemática» (2013: 131). Por outro lado, ao trabalhar sobre as representações literárias do Índico, Nazir Can aponta para o facto de a literatura moçambicana não reflectir, de uma forma geral, o encontro com o «outro» índico:

Isto é, não somente o erótico e paisagístico Índico — motor de lirismo e de uma concepção específica da palavra escrita — ou o índico-nação — que orienta a reflexão para os caminhos históricos, culturais e identitários do Moçambique independente —, mas esse *outro* que se coloca no lado de lá das fronteiras líquidas do país (Can 2013: 96).

Como acrescenta o crítico, a incorporação da temática do Índico na literatura moçambicana, apesar da sua componente cosmopolita e transnacional, parece:

⁶ Assim como o recente projecto de investigação financiado pela FCT e ainda em curso *Narrativas do Oceano Índico no Espaço Lusófono* (NILUS, PTDC/CP-CELT/4868/2014) coordenado pela Prof. Ana Mafalda Leite.

extravasar para dentro do próprio território e não tanto para o *outro lado* do oceano. Fato que, por um lado, se entende, pois em causa estava, e ainda está, uma reflexão profunda sobre a nação que se ergue, sobre as escolhas identitárias e culturais que se desejam, sobre as transformações que se impõem (Can 2013: 97).

Tendo em conta essas considerações, verificamos que na poesia de EW o imaginário do Índico carrega uma componente erótica que, no caso do texto *MdA*, veicula de certa forma o encontro com o «outro» através da evocação de uma série de elementos materiais, referentes sobretudo ao campo semântico da náutica ou da culinária,⁷ que remetem para outras culturas e outras histórias partilhadas nesse espaço. Todavia, a presença desses elementos materiais e a evocação de paisagens geográficas da orla do Oceano Índico não representam tanto o encontro com o «outro», mas permitem reconfigurar identidades e culturas moçambicanas, como veremos a seguir.

White, que celebra o Oceano e a viagem⁸ desde o seu primeiro livro, *AsÍ*, e acrescenta o *topos* da Ilha de Moçambique em *MdA*, vai ao encontro do Oriente em *Janela para Oriente*, para encontrar o «seu» Oriente ancestral e espiritual, que o reconduz ao caminho de casa.

Janela para Oriente, publicado em 1999, é um texto em prosa poética que encena a narração da viagem circular que começa e termina na «varanda» moçambicana. O afastamento do território-país avança em direcção às outras margens do Índico através de uma viagem imaginária que evoca elementos sensoriais e culturais. A temática da viagem já tinha surgido em outros textos de White, como *Amar sobre o Índico*, no qual os amantes procuram o Oceano para se encontrarem, ou *Materiais do Amor*, no qual o apaixonado amante cumpre uma viagem até a Ilha de Moçambique para alcançar a amada (Falconi 2008). Todavia, em *JpO* as etapas da Ilha e do Oceano estendem-se até ao Oriente, que não

⁷ Cf. Falconi (2013: 89) e o texto de Maria Paula Meneses (2009).

⁸ A viagem poderia constituir um dos denominadores comuns das poéticas do Índico.

representa o fim da viagem porque a viagem só termina com o retorno ao país natal.

A trajetória desse percurso, que parte de Moçambique, passa pelo Oriente e volta novamente a Moçambique, é significativa porque, apesar de não enfatizar a travessia em si, mas os pontos de partida e de chegada, apresenta um movimento circular, no qual o retorno não coincide com o lugar de partida. Ao sonhar com o Oriente, White reintegra em si um mundo que é parte da cultura «*índica*» moçambicana, dessa forma o título, *Janela para Oriente (JpO)*, é também uma metáfora do país, porque o poeta se abre «para o mundo e o mundo se abre para ele» (Bachelard 1996: 165).

A metáfora do país/janela era já presente em *O país de Inês*, um conjunto de textos publicados na revista *Tempo* no início dos anos 80 nos quais White reflecte poeticamente sobre a situação do próprio país e redesenha um possível futuro, ao passo que a mulher, Inês, adquire o perfil do país ou expia seus pecados. Então, *O país de Inês* no quadro da obra de White é o país sonhado através da palavra poética:

Um país Inês, é uma janela aberta para o dia, a lanterna acesa do lume e nele está o rosto por quem a beleza se comove, a finalidade ausente do futuro. [...]. O futuro, Inês, é o indício deste país que nos chega e que nos é comum. Revolucioná-lo, é sonhá-lo possível e melhor que qualquer outro (White 1986a: 43-44).

Essa capacidade onírica e criativa do poeta permite desenvolver uma imagem da nação que ultrapassa o perfil telúrico inicial e abrange um espaço cada vez mais amplo e indefinido sob o lema da pátria/mátria líquida e aérea (Leite 2003: 153) a partir dos elementos aquáticos e dos espaços insulares. Em *JPO*, através de uma viagem onírica, sensorial e poética, o autor constrói uma ponte cultural entre Moçambique e o Oriente. Todavia, como nota Can (2013), podemos comprovar que a função do Oriente e do Índico é, em parte, a de estimular a reflexão sobre a nação (Cf. Noa 2012: 97), por representar um «espelho» através do qual a imagem de Moçambique se torna compreensível. Ou seja, na

obra de EW, a representação do Índico e do mundo relacionado com esse espaço é, por um lado, algo que «extravasa para dentro» da nação (Can 2013: 97) e, ao mesmo tempo, projecta-se fora dela. Nesse contexto, a janela representa o diálogo que alimenta uma ideia de pertença identitária que foge ao essencialismo (Falconi 2013: 87), e que se configura enquanto alternativa à ideia homogênea de nação pós-independência.

Em *JpO* o ponto de partida não coincide com a Europa, assim, a perspectiva é deslocada para o hemisfério austral e o diálogo entre o continente africano e asiático exclui o ocidental. No começo da viagem White escreve: «Podia contornar Durban daqui, dobrar o Cabo da Boa Esperança para Ocidente, trazer outras rotas mais antigas que essa história que escreve a minha língua. Mas há tantas coisas que eu não quero, tantas coisas estranhas que não são como eu sou» (1999: 32-33). A escolha deliberada de se dirigir para Oriente em vez do Ocidente, atravessando assim o Oceano Índico para chegar às outras margens, elide a presença ocidental na relação entre Moçambique (e a África austral no geral) com o Oriente.

Para além disso, no respaldo da visão de Said, é importante notar que no começo de *JpO* são convocados dois textos literários que, de certa forma, dialogam intertextualmente com a obra de White. Com efeito, *JpO* constrói-se a partir da «reescrita» de outras viagens através da referência à estante cheia de livros antes da partida para o Oriente. Dessa mesma estante fazem parte duas obras literárias que remetem para a viagem marítima, *Os Lusíadas*, de Camões, e o *Tufão*, de Conrad (White 1999: 26). O *Tufão* narra uma história marítima oriental, ao relatar as peripécias de um navio que transporta *coolies*⁹ de volta às aldeias natais na China. Significativa é também a referência a *Os Lusíadas*, que constitui um contraponto à viagem de White.

No esforço de «materializar esse Oriente de que os meus olhos têm consciência» (White 1999: 51) o sujeito reconhece que este, enquanto meta interior, não lhe pertence totalmente: «esse destino a que não

⁹ Trabalhadores originários do sul da Ásia.

pertenço como materialidade» (*idem*: 52). Afirma-se aqui uma clivagem entre o mundo sonhado e irreal evocado pelas palavras e a materialidade desse mesmo mundo. Por outro lado, notamos que um aspecto importante da cultura índica que emerge no texto literário é, como nota Falconi, a sua «dimensão material» (2013: 88) que aflora, por exemplo, na evocação dos ingredientes culinários orientais misturados à fala da língua, que se alimenta de múltiplas influências:

Sinto o Oriente, palavra, até no estranho dialecto que agora pareço pronunciar, no arroz frito sobre o carvão, e o amendoim e a castanha vigorosa do caju num briani aveludado pela língua adolescente do desejo, amarelo de tempero, com o bastante numa pérola granítica de sal sem ser muito para a pálpebra vibrante do paladar, e a resina do piri-piri na grande bolha do fogo que faz por dentro do gosto (White 1999: 54).

Tal imaginário poético é criado a partir de uma cultura material que se abre para o Oriente num progressivo afastamento que antecipa a viagem de volta. Assim, nesta obra o país é visto não tanto como a extremidade oriental do continente africano, mas como um território integrado com o Oceano e o Oriente. O mar proporciona ao poeta uma expansão existencial, cultural e poética que permite reinserir o próprio sujeito dentro de novas cartografias, a partir das quais se projectam sonhos e temáticas diversificadas.

Por último, é interessante notar, no que diz respeito ao elemento gastronómico que integra a cultura material índica identificada por Jessica Falconi,¹⁰ que as especiarias e outros ingredientes indianos fazem

¹⁰ Jessica Falconi evidencia a relação entre poesia e elemento gastronómico (2013). Relativamente à presença dos ingredientes culinários na obra de White, podemos citar dois exemplos retirados de dois textos diferentes. O primeiro, ressalta a importância de uma língua alimentada por uma cultura material índica: «a minha língua com especiarias dentro e tecidos e bijutarias» (White 2001: 13). O segundo, evoca a fascinação pela cultura material do Índico, através do rosto da mulher da Ilha de Moçambique: «tu que és uma mulher e explodes pela beleza de

parte da cozinha moçambicana. Como corrobora Maria Paula Mene-
ses, isso demonstra uma identidade que tem sido fortemente alimentada
pelas culturas do Índico: «Tastes, aromas, foods are anchors of memo-
ry, invoking contexts often silenced from the broad narrative of Mozam-
bique identity» (2009: 27). A cultura indiana,¹¹ que representa uma das
raízes identitárias moçambicanas, relembra-nos que Moçambique, en-
quanto nação plurilinguística, plurirreligiosa e pluriétnica, pode ser pen-
sado na sua dimensão transnacional. Na verdade, vários críticos têm
ressaltado a «indicidade» da literatura moçambicana.¹² Ao adotarmos
esta óptica para a análise dos textos de White, deveremos ter em conta
que, como avisa Francisco Noa, o espaço do Índico reinventado pela
poesia aponta para uma outra História:

O que a poesia mais contemporânea nos oferece na sua relação com o
Oceano Índico é uma criativa e ativa reversão da História, isto é, projec-
ção desse espaço líquido não mais enquanto lugar de ameaça ou desem-
barcadouro dos que vêm de longe. Mas é sobretudo, como intermedia-
ção com outros mundos, aos quais se aspira e para onde se vai, e em sintonia
com textos anteriores de vocação cosmopolita, que o Oceano Índico emer-
ge como possibilidade, sem limites, de evasão e de busca (Noa 2012: 12).

ser isso, o cristal iluminado de algum rosto swahili, colares, especiarias que levam
aos mares, ao Oriente» (White 1996: 15).

¹¹ A Índia teve importantes trocas culturais e comerciais com Moçambique
antes e depois da colonização portuguesa. Os contactos entre os portos do Índico,
que começaram antes da colonização portuguesa, foram inicialmente liderados
pelos comerciantes árabes. Com a colonização portuguesa e até 1752 Moçambique
integrou o Estado da Índia do Império Português. Ainda hoje a presença indiana
em Moçambique é muito forte e tem ressonância a nível social, cultural e literário
(Cf. Oliveira 1999). Também a Zambézia, região natal de White, mantém uma forte
ligação com a Índia (Cf. Chaves 2000).

¹² Nesse sentido não podemos ignorar os estudos de Ana Mafalda Leite, Jes-
sica Falconi, Elena Brugioni, Francisco Noa e Nazir Can, entre outros, que têm
focalizado a relação entre Moçambique e esta vasta área histórica, cultural e geo-
gráfica.

Como nota Elena Brugioni (2013), repensar parte da produção literária moçambicana, tendo em conta esta óptica transnacional, implica a assunção de novas definições e categorias de análise, que deverão ser geradas para este propósito:

A importância do Índico não reside apenas na sua especificidade enquanto objecto de estudo, mas sim na renovação conceptual e epistemológica que deste pode surgir, proporcionando uma revisão crucial das categorias analíticas que pautam a disciplina historiográfica, bem como as abordagens que se situam no âmbito dos estudos sociais, políticos ou culturais (124).

Então, o Índico adquire uma dimensão poética e cultural, para além de geográfica e histórica, que alimenta e sugere renovados imaginários, viagens e travessias. Como afirma Sugata Bose: «There is no question that the history of the Indian Ocean world is enmeshed with its poetry and in some ways propelled by it» (2006: 5). Isto significa que a poesia, ao recuperar este substrato cultural, faz emergir passados longínquos, que rompem o tempo-espaço homogéneo da nação, e são reconvertidos nos elementos oníricos e quotidianos do presente. Desta forma, a travessia literária pelas águas do Índico constrói uma poética que é devedora tanto do aspecto «elemental», fundada na capacidade da imaginação material de transfigurar o elemento aquático em imaginários poéticos (Bachelard 1989), quanto do aspecto «cultural» relacionado, no específico, com o espaço geo-poético do Índico (Leite, 1999).

Em conclusão, tendo em conta a recorrência do imaginário aquático alternativo ou complementar ao telúrico, a evocação da Ilha de Moçambique e do Índico, assim como de outros espaços insulares e marítimos, podemos dizer que autores do pós-independência¹³ como Eduardo White, Luís Carlos Patraquim, Ana Mafalda Leite, Júlio Carrilho, Sangare Okapi, Adelino Timóteo, Mia Couto e João Paulo Borges

¹³ E reelaborando uma matriz poética anterior (Glória de Sant'Anna, Fernando Couto e Virgílio de Lemos, entre outros).

Coelho, entre outros, redesenham, através da literatura, as margens porosas de uma nação líquida.

NOTA

O presente artigo reelabora a tese de doutoramento da autora defendida em 2017 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston (1986 [1961]). *La flamme d'une chandelle*. Paris: PU de France.
- BACHELARD, Gaston (1989 [1942]). *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*. Tradução de António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, Gaston (1996). *A Poética do Devaneio*. Tradução de António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BASTO, Maria-Benedita (2008). «Relendo a Literatura Moçambicana dos anos 80». Ribeiro, Margarida Calafate; Meneses, Maria Paula (org.). *Moçambique: das Palavras Escritas*. Santa Maria da Feira: Afrontamento, 77-110.
- BOSE, Sugata (2006). *A Hundred Horizons: the Indian Ocean in the Age of Global Empire*. Cambridge, Mass.: Harvard UP.
- BRUGIONI, Elena (2013). «Narrando O(s) Índico(s): Reflexões em torno das geografias transnacionais do imaginário». *Diacrítica*, 27-3, 121-136 [em linha] [15-9-2020]. <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672013000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.
- BRUGIONI, Elena (2015). «Por detrás de tantos nomes, o mar: Reflexões em torno da relação entre Moçambique e o Oceano Índico: narrativas, imaginários e representações». *Via Atlântica*, 27 (Jun.), 93-110 [em linha] [15-9-2020]. <<https://doi.org/10.11606/va.voi27.99139>>.
- BUCUANE, Juvenal (1987). «Da quinta-essência da poesia e do lirismo às quintas-essências do equívoco e da confusão». *Tempo*, 853, 15 Fev., 32-35.
- CAN, Nazir. (2013). «Índico e(m) Moçambique: notas sobre o outro». *Diacrítica*, 27 (3): 93-120 [em linha] [15-9-2020]. <<http://www.scielo.mec.pt/scielo>>.

- php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672013000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.
- CAN, Nazir. (2015) «Doxas, paradoxos e Horizontes: O circuito secundário da poesia moçambicana em discussão». *Diacrítica*, 29-3, 25-45 [em linha] [15-9-2020]. <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0807-89672015000300005&lng=pt&nrm=iso>.
- CHAVES, Rita (2000). «Eduardo White: o sal da rebeldia sob ventos do Oriente na poesia moçambicana». Maria do Carmo Sepúlveda Campos; Maria Teresa Salgado (org.). *África e Brasil: Letras em Laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 133-155.
- FALCONI, Jessica (2008). *Utopia e Conflittualità: Ilha de Moçambique nella poesia mozambicana contemporanea*. Roma: Aracne.
- FALCONI, Jessica (2011). «As margens da nação na poesia de Sangare Okapi e Helder Faife». *Mulemba*, 4-1, 56-64 [em linha] <<https://doi.org/10.35520/mulemba.2011.v3n4a4866>>.
- FALCONI, Jessica (2013). «Para fazer um mar: Literatura moçambicana e Oceano Índico». *Diacrítica*, 27-3, 77-92 [em linha] [15-9-2020]. <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672013000300006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.
- FENDLER, Ute (2013). «Narrating the Indian Ocean: challenging the circuits of migrating notions». *Diacrítica*, 27-3, 17-28 [em linha] [15-9-2020]. <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672013000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>.
- LEITE, Ana Mafalda (1999). «A “ilha de Próspero” de Rui Knopfli ou a “ilha de Caliban” na poesia Moçambicana». *Revista Camões*, 6 (Jul.-Set.), 22-30.
- MENESES, Maria Paula (2009). «Food, Recipes, and Commodities of Empires: Mozambique in the Indian Ocean Network». *Oficina do CES*, 335 (Dez.), 1-37 [em linha] [15-9-2020]. <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/335.pdf>>.
- NOA, Francisco (2008). «Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens». Margarida Calafate Ribeiro; Maria Paula Meneses (org.). *Moçambique das Palavras Escritas*. Lisboa: Afrontamento, 35-45.
- NOA, Francisco. 2012. «O Oceano Índico e as rotas da transnacionalidade na poesia moçambicana». Maputo: CESAB, 1-15 [em linha] [15-9-2020]. <<http://livrozilla.com/doc/979630/do-pdf>>.

- OLIVEIRA, Isaura de (1999). «The presence of India in Mozambican Identity and its Literature». Ana Paula Laborinho [et al.] (org.). *A Vertigem do Oriente: Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*. Lisboa: Edições Cosmos; Instituto Português do Oriente, 349-364.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó (2006). «O imaginário da Ilha em alguns poetas moçambicanos». *Revista Camoniana*, 1.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó (2008 [2003]). *A Magia das Letras Africanas: Ensaaios escolhidos sobre as Literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros Diálogos*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Quartet.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó (2010). «As ilhas como lugar — cenografia — de negociação identitária na literatura moçambicana». Mar Garcia; Felicity Hand; Nazir Can (org.). *Indicities / Indices / Índicios: Hybridations problématiques dans les littératures de l'Océan Indien*. Saint Pierre: Editions K'A, 117-124.
- TEIXEIRA, Paulo Pires. [s.d.]. «Segredos da mulher moçambicana». *Revista Índico, LAM*, 14-18 [em linha] [15-9-2020]. <www.lam.co.mz/en/content/download/193426/1443523/file/14_18>.
- WHITE, Eduardo (1984). *Amar sobre o Índico*. Maputo: Aemo.
- WHITE, Eduardo (1986). «O país de Inês». *Tempo*, 812, 4 Mai., 46-49.
- WHITE, Eduardo (1986a). «O país de Inês». *Tempo*, 814, 18 Mai., 43-44.
- WHITE, Eduardo (1986b). «O país de Inês». *Tempo*, 818, 15 Jun., 42-44.
- WHITE, Eduardo (1987). *Homoíne*. Maputo: Aemo.
- WHITE, Eduardo (1989). *O País de Mim*. Maputo: Aemo.
- WHITE, Eduardo (1992). *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de ser Ave*. Lisboa: Caminho.
- WHITE, Eduardo (1996). *Os Materiais do Amor seguido de O Desafio à Tristeza*. Lisboa: Caminho.
- WHITE, Eduardo (1999). *Janela para Oriente*. Lisboa: Caminho.
- WHITE, Eduardo (2001). *Dormir com Deus e um Navio na Língua*. Edição bilingue. Fafe: Labirinto.